

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O movimento social frente negra pernambucana - 1936 -1937. a história continua.

Fátima Aparecida Silva ¹

1. Introdução

O presente trabalho ² faz parte da pesquisa em andamento e tem como objetivo registrar a história do movimento social negro Frente Negra Pernambucana aprofundando a proposta de educação defendida por esta instituição.

A aspiração de pesquisar a história da Frente Pernambucana surge com o desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada “Escola, movimento negro e memória: O 13 de Maio em Sorocaba” ³. A proposta do trabalho foi compreender o processo de produção e apropriação da memória da abolição dos escravizados no Brasil no espaço escolar e pelo movimento negro, Frente Negra de Sorocaba, especialmente sobre a data 13 de Maio, na década de 30 do século XX. Entre outros aspectos a pesquisa exigiu uma breve retrospectiva histórica e sociológica deste grupo e possibilitou ampliar o registro da história do movimento para além do estado de São Paulo.

Ao pesquisar a Frente Negra de Sorocaba constatamos a lacuna existente na historiografia do movimento, uma razoável documentação tem se ocupado da historiografia nas regiões sul e sudeste, no entanto nas regiões norte e nordeste como Maranhão, Pernambuco, Sergipe, Bahia é pouco conhecida em alguns casos apenas citada nas pesquisas.

Desta forma, reconhecendo a lacuna de informações sobre o assunto nomeamos a Frente Negra Pernambucana como objeto de nossa pesquisa, esperamos assim estar contribuindo para o avanço dos estudos da população negra no Brasil.

A Frente Negra Brasileira uma organização de massa fundada em 1931 na cidade de São Paulo surge como continuação das ações da população afrodescendentes nos períodos

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, bolsista do CNPq.

² Este trabalho faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior.

³ A pesquisa foi realizada quando a autora foi bolsista do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford - Turma 2003, no Programa de Mestrado em Educação da UNISO, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Luis Cammarano González.

colonial, imperial e republicano na luta contra a discriminação racial, e a exclusão social da população negra.

Neste contexto surge em 1936 a Frente Negra Pernambucana transformada em 1937 em Centro de Cultura Afro-Brasileiro a instituição entre outras coisas defendeu a “instrução da infância negra” e o ingresso da população negra em instituição educacional gratuita.

O texto divide-se em duas partes: a primeira apresenta informações adquiridas na pesquisa de campo sobre a Frente Negra Pernambucana que em 1937 foi transformada no Centro de Cultura Afro Brasileiro e, a segunda destaca a questão da educação no contexto histórico da entidade. Finalizando o texto, tecemos comentários que, entendemos, sejam relevantes.

2. Frente Negra Pernambucana/ Centro de Cultura Afro Brasileiro.

Nesta parte do trabalho faremos uma apresentação de parte das informações que tivemos acesso na pesquisa de campo sobre o movimento social negro: Frente Negra Pernambucana e /ou Centro de Cultura Afro Brasileiro.

Realizamos contatos com duas pessoas que concederam depoimentos e material de fundamental importância para pesquisa. , Gustavo Augusto Rodrigues de Lima, filho de José Vicente Rodrigues Lima (fundador da Frente Negra Pernambucana) e Edvaldo Eustáquio Ramos que foi presidente do CCAB e assessorou política e juridicamente como advogado a criação da entidade.

Por meio do trabalho de mestrado da pesquisadora Auxiliadôra Gonçalves da Silva tomamos conhecimento que a Frente Negra Pernambucana surge como entidade no ano de 1934 e desaparece com o Estado Novo, passando a existir na mesma época o Centro de Cultura Afro Brasileiro (SILVA, 1994 p. 58, 59).

Em depoimento, sobre a fundação do grupo, que ora estamos analisando, encontramos informações que contradizem, pelo menos num momento, a informação acima citada. Gustavo Lima relata: “o gaúcho Barros dos Mulatos veio para Pernambuco e quando ele chega aqui, faz contato com Solano [Solano Trindade] e com Zé Vicente e criam a Frente Negra Pernambucana isto é em 1936”.⁴

José Vicente Rodrigues Lima, foi um dos pioneiros do movimento negro em Pernambuco, sua história se confunde com a própria história da Frente Negra Pernambucana, que ajudou a fundar na década de 1930, em plena vigência do governo de Getúlio Vargas.

⁴ Depoimento concedido em 20 de janeiro 2007.

Autor de livros como *Xangô* (1937) e *Desajustamento Econômico e Classe Marginal*, publicou também em 1941 um ensaio sobre a poesia de Solano Trindade seu amigo.

A Escola de samba Galeria do Ritmo, no ano de 1979, homenageia o poeta negro Solano Trindade. Foi elaborada pela escola uma apostila com depoimentos sobre a vida do poeta. Entre os depoimentos está o de José Vicente Lima, um dos fundadores do grupo em Recife. O relato registra a fundação do movimento e seus fundadores.

(...) “Era o ano de 1937, numa rua do Bairro de São José, cinco rapazes, desconhecidos, sem nome sem bafejo de ninguém, em volta de uma mesa forrada com uma toalha branca, fundaram a Frente Negra Pernambucana, co-irmã da Frente Negra Pelotense, com a presença entre nós de Miguel Barros, pintor Gaúcho, conhecido por Barros, o mulato. (LIMA, 1979).

É importante observar que no registro de fundação da FNP é destacada a presença de Barros, o mulato, que segundo informações era artista plástico e provavelmente pertencia a direção da Frente Negra Pelotense, apontada como co-irmã do movimento. Esta influência será dar de forma bastante direta, pois os princípios da entidade pernambucana registrada nos estatutos são semelhantes com a da organização negra gaúcha.

A referida apostila segue com o relato;

Éramos cinco apenas: Francisco Solano Trindade, Gerson Monteiro de Lima, José Melo de Albuquerque, José Vicente Rodrigues Lima, e Miguel Barros, o Mulato. O que sabíamos, até então, era a existência dos preconceitos, e tomamos conhecimento da monstruosa estatística feita por Solano Trindade, onde se verificava a ausência quase que completa do elemento negro nos Cursos Superiores das carreiras de prestígio social” (LIMA, 1979).

O relato chama a atenção para os nomes dos líderes e nos faz observar a preocupação do grupo em se respaldar com informações e números que indicam a posição de desigualdade social dos afrodescendentes naquela conjuntura. A estatística citada feita por Solano Trindade é mencionada na obra de José Vicente (1937), neste sentido relata:

Profissões:

- 5 Negros em cada 1000 Medicos
- 5 Negros em cada 1000 Advogados
- 10 Negros em cada 1000 Auxiliares no Comercio
- 30 Negros em cada 1000 Funcinarios Publicos
- 2 Negros em cada 1000 Negociantes

999 Negros para cada 1000 Domesticos

997 Negros para cada 1000 Trabalhadores de serviços de carregação.

10% de negros casam com suas iguais.

90% de mulheres negras são desvirginadas e jogadas à prostituição pelos proprios negros, mestiços, claros e brancos. (Xangô, 1937, p. 21)

Na obra não está explicito a fonte das informações, o registro, entretanto nos permite fazer algumas observações do contexto histórico e ideológico em que estão inseridas. São dados referentes a situação da população negra na década de 1930. Trata-se de uma época onde as teorias do branqueamento estão no auge. São políticas baseadas nas doutrinas científicas da inferioridade inata da raça negra, cujo controle se aplicava por meio das políticas publicas ajustada sobre a teoria da eugenia e também ancorada na produção científica de Nina Rodrigues, que deriva das teorias racistas de Gobineau, que identificava no africano a base da inferioridade do povo brasileiro. A nação é mobilizada pelo estado brasileiro, assim como intelectuais e políticos em prol do “melhoramento da raça”.

No estado do Pernambuco as políticas são implementadas através de órgãos oficiais do governo como, por exemplo, a “Secção de Costumes e Repressão a Jogos” e o “Serviço de Higiene Mental a Assistencia a Psicopatas”, a questão da população negra vai tratada como um problema de segurança pública conforme relata Fernandes (1937) na obra: Xangôs do Nordeste. Investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife.

A citação da estatística no relato acima indica que os membros envolvidos com a fundação da Frente Negra Pernambucana tinham conhecimento da existência do preconceito contra o negro e para modificar esta situação vai propor várias estratégias, entre elas a educação terá bastante destaque.

Em 1987, foi comemorado em Recife o cinquentenário do Centro de Cultura Afro Brasileira, (CCAB). Um ano antes, foram realizadas várias atividades para divulgação do evento. No documento de 1986 a comissão organizadora do acontecimento divulga a história da entidade. Segundo os registros, o CCAB foi fundado em 1936 e a entidade “veio ao mundo com a denominação de Frente Negra Pernambucana”.

“Numa noite recifense, numa casa do Pátio do Terço, sentados ao redor de uma mesa forrada com a toalha branca”, relembra o Prof. José Vicente, nascia o Centro de Cultura Afro-Brasileira, que naquele momento veio ao mundo com a denominação de “Frente Negra Pernambucana” logo concertada para atual C.C.AB. para não ser lembrada como uma simples réplica de sua co-irmã gaúcha. Era o

orgulho e vaidade pernambucanas que já se faziam presentes naquele momento” .
(APOSTILA, 1986, Recife)

De acordo com as informações acima a entidade foi transformada em Centro de Cultura Afro Brasileiro para não ser lembrada como replica da Frente Negra Pelotense, a ênfase demarca a identidade do movimento expressada pelo “orgulho e vaidade” de ser pernambucana.

Sobre o mesmo assunto a direção do CCAB elaborou uma cartilha em agosto de 1987. Na introdução, Edvaldo Eustáquio Ramos presidente da entidade faz referencia ora a Frente Negra Pernambucana ora ao Centro de Cultura Afro Brasileiro:

“(...) por trás das breves palavras de reflexão sobre o cinquentenário da Frente Negra Pernambucana, há todo um trabalho de estudo e pesquisa sobre o comportamento do negro brasileiro, e, em especial sobre as raízes do nosso povo, dentro da vivência, em meio aos terreiros dos cultos Afros, das sociedades carnavalescas, do maracatu e do todas as manifestações populares de origem afro, ameríndia e lusa” “(...) as Frentes Negras cumpriram uma missão, com o despertar da consciência. O Centro de Cultura Afro- Brasileira é esta consciência”.
(CARTILHA de divulgação do centenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro, 1987).

Se o que está sendo comemorado é o cinquentenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro qual a razão de mencionar a Frente Negra Pernambucana? O impasse é esclarecido por José Vicente Lima que relata:

“A Frente Negra Pernambucana, transformada no Centro da Cultura Afro- Brasileiro, se projetara junto das outras Associações Coirmãs de todo o País . Se não construímos patrimônio materiais, construímos entretanto um patrimônio muito maior, - Patrimônio Cultural que legamos aos nossos sucessores. Ideal que nos animou nesses 50 anos que hoje aqui se comemora nesta brilhante APOTEOSE” (CARTILHA de divulgação do cinquentenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro, 1987) .

Segundo LIMA a Frente Negra Pernambucana foi transformada no Centro de Cultura Afro Brasileiro, isto também pode explicar o porquê até o momento não encontramos o estatuto da entidade com o primeiro nome da Frente. Temos como hipótese que o tempo que levou a transformação foi muito pequeno, isto é um ano entre 1936 e 1937.

Na obra de José Vicente Lima intitulada Xangô de 1937, ao analisar “o que querem as associações dos elementos de cor e as frentes negras organizadas no Brasil”, o autor faz

referências ao Centro de Cultura Afro-Brasileiro e não a Frente Negra Pernambucana. É possível que a entidade tenha sido registrada como CCAB.

“Centro de Cultura Afro- Brasileiro”

Sentindo a necessidade de união e de intelecualidade que se possa representar em todas as esferas sociais, o Afro-Brasileiro, compreendendo o dever de reerguer moralmente a familia negra do Brasil, desejando colaborar pelo engrandecimento da Patria Brasileira, apontando a milhares de negros a escola e civismo , um nucleo de idealista resolve fundar o Centro de Cultura Afro- Brasileiro.

Afastados de qualquer partido político ou credo religiosos e aceitando o concurso dos que reconhecerem o altruismo fim a que nos propomos, faremos a unificação dos negros no Brasil.

Não faremos lutas de raças contra raças, porem ensinaremos aos nossos irmãos negros que não há raça superior nem inferior o que nos faz distinguir um dos outros é nosso desenvolvimento cultural.

Temos como principais fins: Cultivar a memoria dos grandes negros do Brasil, instruir a infancia negra, facilitar sua educação, pleitear ingressos gratuitos para os estudantes pobres, de cor, educar a mulher para os embates materiais morais que que lhe vêm ao encontro, crear caixa de beneficencia , para assistência medica e dentaria. (LIMA, 1937, p, 17).

Diante das primeiras informações, podemos considerar que a Frente Negra Pernambucana dá origem ao Centro de Cultura Afro Brasileiro. Por este motivo até o momento não encontramos nenhum registro sobre o desaparecimento da Frente Negra Pernambucana. Nas informações acima citadas o que é apontado é a transformação do movimento no Centro de Cultura Afro Brasileiro. Este aspecto parece ser uma particularidade daquele movimento, já que a história da Frente Negra em outros lugares do país é registrada como tendo sido iniciada em 1933 e finalizada em 1937.

Como o Centro de Cultura Afro Brasileiro é uma entidade da atualidade, é neste sentido que consideramos que a história da Frente Negra Pernambucana continua não se limitando a década de 30 do século XX.

3- A valorização da educação na Negra Pernambucana e ou Centro de Cultura de Cultura Afro Brasileiro

Estudos da história do negro no Brasil na década de 1930 têm preocupado em compreender o desejo do negro de afirmar-se socialmente através da educação. Dentre os estudiosos estão Clóvis Moura (1988), Regina Pahin Pinto (1993) e Elisa Larkin Nascimento

(2003). Os três sinalizam que a educação (instrução, escolaridade) foi valorizada pelas lideranças negras das associações negras nas décadas de 20 e 30 do século XX. As reflexões expressam que os movimentos negros, da época, apontam a deficiência e até mesmo a ausência da educação, como a causa principal da situação de desigualdade social que o negro se encontrava. Segundo Clóvis Moura, o aprimoramento educacional fazia parte das estratégias para que o negro brasileiro pudesse ascender socialmente, demonstrando assim que ele poderia chegar ao mesmo nível dos brancos. (MOURA, 1988, p.205).

A Frente Negra de São Paulo, Sorocaba, Pelotas, Bahia, atribuía grande importância à educação e uma das importantes estratégias de atuação na luta contra a exclusão da população negra foi a criação de escolas.

Na cidade de Recife no estado de Pernambuco a proposta de educação pautada pelo Centro de Cultura Afro Brasileiro baseava nos seguintes pontos:

(...) Cultivar a memória dos grandes negros do Brasil, instruir a infância negra, facilitar sua educação, pleitear ingressos gratuitos para os estudantes pobres, de cor, educar a mulher para os embates materiais morais que lhe vêm ao encontro, crear caixa de beneficencia, para assistência medica e dentaria. (LIMA, XANGÔ, 1937, p.21).

No ponto de vista ideológico existem aproximações entre as propostas da entidade pernambucana e as Frentes paulistas, gaúcha e baiana. Em todas aparece uma preocupação com a instrução, o ingresso da população negra em escolas públicas, educação feminina com ênfase na questão moral, a criação de caixa de assistência e o cultivo a memória de personalidades negras.

As inquietações, que se transformam em ações das Frentes, é a reação ante as barreiras raciais impostas pelo Estado brasileiro. São instrumentos de mobilização e resistência contra um estado racista que promovia o embargo dos direitos humanos da população negra.

De um lado alguns intérpretes da questão analisam a proposta das entidades como introjeção dos valores da sociedade dominante, isto é a aceitação dos valores brancos. Do outro lado deste discurso entre eles Nascimento (2003), há quem interprete que tais posturas não parece ser uma ingênua aceitação dos valores dos brancos.

O que parece se confirmar na análise das fontes documentais é que diante das circunstâncias históricas, sociais, e econômicas em que se situava a população afrodescendente, as entidades negras conseguiram apesar da situação adversa, colocar em pauta os seus valores. Em nossa opinião é uma ação “revolucionária” no sentido de perturbar, agitar uma sociedade que prega que o negro é um ser inferiorizado, por conta disso não

merece a atenção do Estado brasileiro. Nas propostas das Frentes são embutidas a contestação e a recusa dos estereótipos antinegros dos valores prevalecentes à época.

As entidades negras da década de 1930 ao enaltecerem as qualidades e feitos dos heróis negros, ao pleitearem o acesso ao ensino público e ao mesmo tempo denunciarem a falta dele, demonstraram com isto que o atraso social a que a população negra está submetida, não é culpa ou falta de inteligência da população, mas sim do contexto social e ideológico em que estava inserida .

Deste modo, diante da importância do tema na produção de conhecimentos da história dos afrodescendentes no Brasil consideramos que ainda existem muitas questões a serem respondidas sobre o assunto e a nossa pesquisa aponta para esta perspectiva.

3-Conclusão

A Frente Negra foi um importante movimento de caráter social da década de 1930. Nas pesquisas a documentação que até agora tem surgido sobre a história da entidade se refere na sua maioria às regiões sul e sudeste em outros estados do país a organização do movimento é apenas mencionada.

A contribuição de nossa pesquisa avança no sentido de revelar a existência da Frente Negra de Pernambuco, além de apontar que o movimento não extinguiu simplesmente, mas tem continuidade através do Centro de Cultura Afro Brasileiro.

O trabalho avança também no sentido de indicar a existência das fontes apontando o percurso traçado por elas. Decodifica algumas questões básicas em relação à população afrodescendente da época como, por exemplo, mostrando quais eram as relações étnicas através das perseguições que se dava ao candomblé, religião denominada Xangô no Recife, qual a distribuição da população negra no Recife e as condições sociais em que elas deram, motivando o surgimento da Frente Negra Pernambucana.

4-Referências bibliográficas

APOSTILA: COMISSÃO do cinquentenário do C.C.A.B. Arte Negra no Recife é cinquentenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro, Recife, 1986.

CARTILHA de divulgação do centenário do Centro de Cultura Afro Brasileiro. Divulgação do Cento de Cultura Afro Brasileiro, Recife 1987.

FERNANDES, Gonçalves. **Xangôs do Nordeste. Investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1937.

LIMA, Vicente. **XANGÔ**. Vol. I. Recife, PE. Divulgação do Centro de Cultura Afro Brasileiro. Jornal do Comércio S. A. 1937.

_____. Apostila: Carnaval é Música, música é ritmo, ritmo é poesia. A Escola de samba Galeria do ritmo homenageia o poeta negro Solano Trindade. Recife, 1979.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

PINTO, Regina Pahim. **O movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1993.

SILVA, Fátima Aparecida. **Escola, movimento e memória o 13 de maio em Sorocaba 1930**. Dissertação e mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação. UNISO. 2005.

SILVA, Maria Auxilidôra da. **Encontros e desencontros de um movimento negro**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1994.